TEATRO GUAÍRA 138 ANOS

TEMPORADA 2022

TEATRO GUAÍRA AUDITÓRIO BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETTO 4 DE SETEMBRO | 10H30

ORQUESTRA SINFÔNICA DO PARANÁ

SOBRE A ORQUESTRA

Desde 28 de maio de 1985, a Orquestra Sinfônica do Paraná (OSP) escreve uma história admirável de talento e dedicação à música. A OSP surgiu graças ao esforço de uma equipe de trabalho formada por diversos profissionais, entre eles Eleni Bettes, Ivo Lessa, Tatiana Aben-Athar, e ao apoio do então governador, José Richa e do Secretário da Cultura, Fernando Ghignone.

O primeiro maestro titular foi Alceo Bocchino, um dos grandes nomes da música erudita no Brasil e, hoje, Maestro Emérito. Na época, Osvaldo Colarusso foi escolhido para integrar a Orquestra como maestro assistente, além de 61 músicos selecionados através de concurso nacional. Com a aposentadoria do Maestro Bocchino, o Maestro Roberto Duarte assume o cargo de Maestro Titular em 1999. Sucederam-se os maestros Jamil Maluf (2000-2002), o maestro Alessandro Sangiorgi (2002-2010), o maestro Osvaldo Ferreira (2011-2013) e o maestro Stefan Geiger (2016-2020).

O primeiro concerto da OSP inaugurou também uma nova fase na cultura musical de Curitiba e do Paraná. Ele foi marcado pela apresentação da "Abertura" da ópera Anacreon, de Luigi Cherubini; "Concerto nº 5 em mi bemol maior, Op. 73" e a "Sinfonia nº 8 em fá maior, Op. 92", ambas de Beethoven. Ao longo destes 37 anos, a OSP construiu um belíssimo histórico com mais de 40 maestros convidados e cerca de 200 solistas, que vieram de diversos lugares do Brasil e do mundo para enriquecer o repertório da Orquestra. Hoje, o acervo musical da OSP conta com cerca de 900 obras catalogadas de mais de 250 compositores, destacando os autores brasileiros Villa-Lobos e Camargo Guarnieri, e os paranaenses Henrique Morozowicz e Augusto Stresser. No currículo da OSP já constam mais de 500 apresentações dentro e fora do Paraná, com montagens de importantes óperas, balés, primeiras audições mundiais, sul-americanas e brasileiras.

Nas atuações com o Balé Teatro Guaíra, destacam-se as montagens do ballet "Quebra-Nozes", de Tchaikovsky, e "Romeu e Julieta", de Prokofiev. A Orquestra também se destaca na participação de óperas como "Carmen" de Bizet, "Viúva Alegre" de Lehar e "La Bohème" de Puccini, entre outras. Com uma notável capacidade de se adaptar aos mais diferentes estilos, desde os clássicos até os românticos e contemporâneos, a Orquestra suscitou aplausos entusiasmados dos mais exigentes maestros que tiveram oportunidade de regê-la, da crítica especializada nacional, assim como das plateias que a assistiram.

Programa de concerto

ARAÚJO, Mateus
Elegia ao Museu Nacional – duração 9'07

GUERRA-PEIXE, César
Museu da Inconfidência – duração 15'10
1. Entrada
2. Cantada de Arruar
3. Panteão dos Inconfidentes
4. Restos de um Reinado Negro

GOMES, Antônio Carlos
Abertura de O Guarani – duração 9'07

BRAGANÇA E BOURBON, Pedro de Alcântara
Abertura para a Independência do Brasil – duração 7'41

BRAGANÇA E BOURBON, Pedro de Alcântara
Hino da Independência – duração 4'50

SILVA, Francisco Manuel da
Hino Nacional Brasileiro – duração 3'29

Maestro Convidado

SÍLVIO VIEGAS

O trabalho de Silvio Viegas tem ocupado uma posição de grande destaque junto ao público e crítica no Brasil.

Atualmente é o Regente Titular da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, do Palácio das Artes e professor de regência na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Até o final de 2016, foi Regente Titular da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e Professor da cadeira de Regência na Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Foi também Diretor Artístico da Fundação Clóvis Salgado – Palácio das Artes, em Belo Horizonte de 2003 a 2005 e Diretor Artístico Interino do Theatro Municipal do Rio de Janeiro de 2011 a 2012.

Desde o início de sua carreira tem se destacado por sua atuação no meio operístico regendo títulos como O Navio Fantasma, L'Italiana in Algeri, Così fan Tutte, Le Nozze di Figaro, A Flauta Mágica, La Bohème, O Barbeiro de Sevilha, Carmen, Cavalleria Rusticana, Il Trovatore, Romeu e Julieta, Lucia di Lammermoor, Nabucco, Tosca, Norma, Porgy and Bess entre outros.

Como convidado, esteve à frente da Orquestra da Arena de Verona, Sinfônica de Roma, Sinfônica de Burgas (Bulgária), Sinfônica do Festival de Szeged (Hungria), Filarmônica de Buenos Aires do Teatro Colón, Orquestra do Algarve (Portugal), Sinfônica Brasileira (OSB), Teatro Argentino de La Plata (Argentina), Amazonas Filarmônica, Petrobras Sinfônica, Sinfônica do Paraná, Sinfônica do Teatro São Pedro - SP, Orquestra do Teatro da Paz, Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, Sinfônica de Minas Gerais, entre outros.

Em 2001 obteve o primeiro lugar no Concurso Nacional "Jovens Regentes", organizado pela Orquestra Sinfônica Brasileira no Rio de Janeiro. Natural de Belo Horizonte, Silvio Viegas, estudou regência na Itália e é Mestre em regência pela Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, tendo sido discípulo de Oiliam Lanna, Sergio Magnani e Roberto Duarte.

MATEUS ARAÚJO

1977

Maestro e compositor contemporâneo, Mateus Araújo foi regente da Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro, da Orquestra Sinfônica Brasileira Jovem, da Orquestra Sinfônica do Theatro da Paz, em Belém (PA) e da Sinfônica de Ribeirão Preto. Desde 1994 tem apresentado, no Brasil e no exterior, suas obras orquestrais e arranjos para diversas formações. Destacam-se a Suíte Brasileira, que teve estreia no Carnegie Hall de Nova York, Prelúdio, Fuga e Samba, apresentada no Lincoln Center, também em Nova York, e Bachmazonia, estreada pela OSB no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

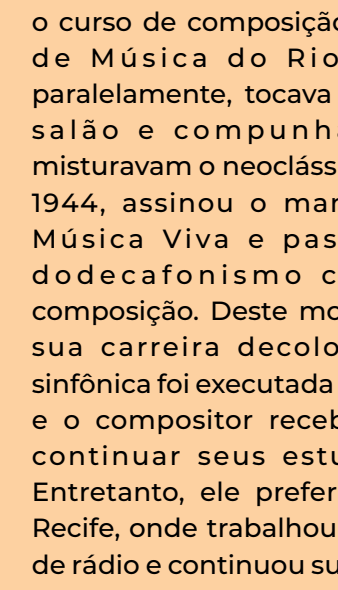
ELEGIA AO MUSEU NACIONAL

A nova obra de Mateus Araújo estreou no dia 22 de julho de 2022, na Sala Cecília Meireles, tocada pela Orquestra Sinfônica Nacional UFF. Executar uma obra em seu ano de estreia é sempre uma honra e uma grande responsabilidade. Nesta música, o compositor pinta retratos do Museu Nacional, da construção do Palácio de São Cristóvão, passando pela fundação do Museu Real, em 1818, por grandes marcos da história do Brasil, até o grande incêndio que destruiu este bem histórico tão precioso. A música, porém, termina com ares de esperança, indicando o nascer de um novo dia.

CÉSAR GUERRA-PEIXE

1914 | 1993

Com nove anos, Guerra-Peixe já tocava o violino pelas ruas de Petrópolis durante o carnaval. Ele foi o primeiro aluno a concluir o curso de composição do Conservatório de Música do Rio de Janeiro e, paralelamente, tocava em orquestras de salão e compunha músicas que misturavam o neoclássico e o popular. Em 1944, assinou o manifesto do Grupo Música Viva e passou a adotar o dodecafonismo como estilo de composição. Deste momento em diante, sua carreira decolou. Sua primeira sinfônica foi executada na BBC de Londres e o compositor recebeu convites para continuar seus estudos na Europa. Entretanto, ele preferiu se mudar para Recife, onde trabalhou em uma emissora de rádio e continuou suas pesquisas sobre a música folclórica brasileira. Durante toda a década de 1980, trabalhou como professor na Universidade Federal de Minas Gerais.



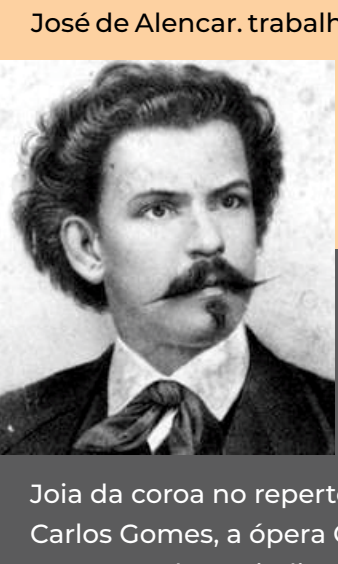
MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

Esta música traz, sem intenções descritivas, a comoção do compositor diante das correntes, lápides e outros objetos que testemunharam os trágicos acontecimentos da Inconfidência Mineira. O primeiro movimento, Entrada, é marcado pelo anúncio dos trompetes. Já o segundo movimento faz referência às cadeiras utilizadas pelos senhores brancos quando saíam às ruas, carregados pelas pessoas que escravizavam. Nesse momento, o compositor brinca com a ironia: cientes que não eram vistos, as pessoas escravizadas zombavam de quem carregavam. O terceiro movimento retoma o clima trágico, transformando a música em uma prece fúnebre. No movimento final, um estribilho construído em cima de um tema repetitivo alterna-se com uma seção marcial grotesca e o belo canto do fagote, representando as vozes negras. Ao longo da música, a percussão destaca as particularidades folclóricas do tambor militar. A Coda retoma as frases da Entrada com brilho metálico de armas, que dão o caráter conclusivo ao último movimento.

ANTÔNIO CARLOS GOMES

1798 | 1834

Um dos mais importantes e reconhecidos compositores brasileiros, Antônio Carlos Gomes fez parte do romantismo brasileiro, movimento artístico marcado pelo nacionalismo. Compôs grandes óperas, melodramas e obras para teatro. Contava com o apoio de Dom Pedro II, de quem recebeu a Imperial Ordem da Rosa. Sua composição mais famosa e reconhecida é a ópera "O Guarani", adaptação da obra literária do escritor romântico brasileiro José de Alencar. trabalhou como professor na Universidade Federal de Minas Gerais.



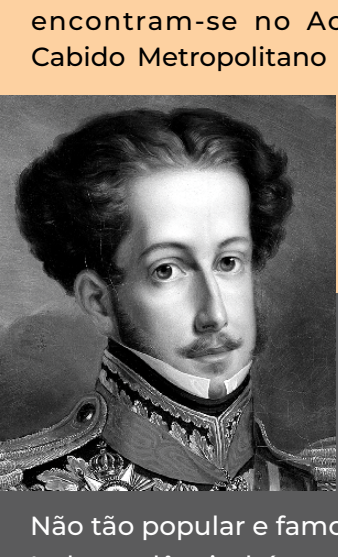
ABERTURA DA ÓPERA O GUARANI

Joia da coroa no repertório musical de Carlos Gomes, a ópera O Guarani foi apresentada em italiano no Teatro Scalla de Milão e, dali, conquistou o mundo. Aplaudida inclusive por um dos mestres da ópera, Giuseppe Verdi (compositor de La Traviata), O Guarani colocou a música brasileira no cenário internacional da época. Seguindo o gênero "abertura", essa peça musical condensa temas melódicos que são ouvidos pelo público durante a execução da ópera completa.

DOM PEDRO I DO BRASIL

1798 | 1834

Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bourbon e Bragança, ou simplesmente, Dom Pedro I do Brasil, foi o primeiro imperador brasileiro e a quem se atribui historicamente a proclamação da independência. Muito pode ser dito sobre o imperador enquanto personalidade histórica. Contudo, Dom Pedro I também foi compositor. Sua formação musical foi iniciada ainda em Portugal. Acredita-se que seu principal professor foi Marcos Portugal (1762-1830). Além de hinos e marchas, ele compôs também música sacra, música teatral e música de câmara. Algumas das partituras originais encontram-se no Acervo Musical do Cabido Metropolitano do Rio de Janeiro, infelizmente, porém, muitas se perderam ao longo do tempo.



ABERTURA PARA A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Não tão popular e famosa quanto o Hino da Independência, há pouco material de estudo sobre a Abertura para a Independência do Brasil, também composta por Dom Pedro I. O gênero "abertura" indica uma peça introdutória, que apresenta as diversas melodias de uma narrativa maior. Na partitura original, o compositor escreve "Pertence à Ordem de Nossa Senhora do Carmo, offerecida para Mariano Carlos de Souza Corra, em 1860."

HINO DA INDEPENDÊNCIA

Em 1824, Dom Pedro I afeiçoou-se pelos versos de Evaristo da Veiga e resolveu compor ele mesmo uma música para o poema. Seu professor, o compositor Marcos Portugal, também havia criado uma versão musical para as letras, porém a melodia de Dom Pedro I foi oficializada em 1824. A participação do imperador foi tão valorizada que, por quase dez anos, lhe atribuíram a autoria da letra e da música. Evaristo da Vega precisou reivindicar os direitos da letra em 1833. Com a abdicação de Dom Pedo I, o Hino da Independência foi deixado gradativamente de lado. Foi durante o Centenário da Independência, em 1922, que ele voltou a ser executado. No entanto, a melodia utilizada foi a do maestro Marcos Portugal. Durante a Era Vargas (1930-1945), uma comissão foi nomeada para estabelecer definitivamente os hinos brasileiros que definiu a melodia do imperador como a oficial.

FRANCISCO MANUEL DA SILVA

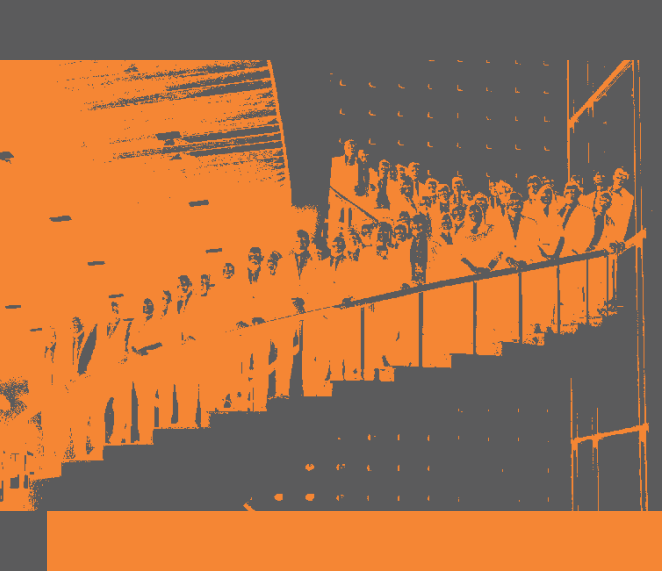
1795 | 1865

Maestro, compositor e professor brasileiro, Francisco Manuel da Silva é o autor da melodia do Hino Nacional Brasileiro. Foi um dos fundadores da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, da Sociedade de Beneficência Musical e do Conservatório de Música (hoje Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Carioca, começou a estudar música ainda criança, com o padre José Maurício Nunes Garcia.

Em 1831, para comemorar a abdicação de Dom Pedro I, ele escreveu uma melodia patriótica que mais tarde se transformou no Hino Nacional Brasileiro. O compositor deixou várias obras espalhadas pelos arquivos musicais no Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Além de música sacra, modinhas e lundus, ele compôs diversos hinos, entre eles, o "Hino à Coroação do Imperador D. Pedro II" (1841), Hino a D. Afonso" (1845) e o "Hino da Guerra" (1865). Foi nomeado Patrono da Cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Música.

HINO NACIONAL BRASILEIRO

A história do Hino Nacional Brasileiro começa no final do primeiro reinado. Seis dias após a partida de Dom Pedro I para Portugal, a música foi executada pela primeira vez. Composta para execução orquestral, a melodia não tinha letra. A música foi acolhida pelo povo e, logo, adotada extra oficialmente como Hino Nacional. A letra que conhecemos hoje só foi oficializada no Centenário da Independência. A versão oficial de hoje tem o arranjo vocal de Alberto Nepomuceno. Esse arranjo se fez necessário pois a melodia, originalmente composta para orquestra, não era adequada para o canto. Em 1922, após várias letras e até mesmo outras propostas melódicas para o Hino Nacional, a melodia de Francisco Manuel da Silva, com arranjo de Alberto Nepomuceno e letra de Joaquim Osório Duque Estrada se tornou, oficialmente, o Hino Nacional Brasileiro.



Orquestra Sinfônica do Paraná

Maestro Alceo Bocchino *In Memoriam*

INTEGRANTES

VIOLINO I
Ângelo Martins da Silva (Spalla)
Simone Ritzmann Savytzky (concertino)
Alexandre Brasolim de Magalhães (concertino)
Consuelo Froehner
Francisco Augusto Conde Saraiva
Guilherme Calebe Soares Martins
Vinicius Henrique Batista
Paulo Gonçalves de Moura
Maria Cristina Kalinowski Canestraro
Acácio Huberto Behlau Weber
Juliane Martens Weingartner

VIOLINO II
Moisés Neves da Silva (spalla)
Caik Rodrigues da Silva
Fernanda Boaventura Pereira
João Alexandre Stein
Anderson Ancelmo dos Santos
Marlon Passos
Peterson Augusto de Oliveira Rocha
Cácio José de Araújo
Amauri Dutra Melo
Paulo Augusto Ogura
Martina Lohmann

VIOLA
Marcelo Lemos da Silva (spalla)
Alexandre Nunes Argentin
Márcio Ferreira Rodrigues
Jader Ferreira Mendes da Cruz
Iraí Passos (concertino)
José Maria Magalhães da Silva
Rubens Marques Farias
Júlio César Soares Coelho

VIOLONCELO
Romildo Weingartner (spalla)
Raphael Leal Gonçalves
María José Bellorín Montaño
Gabriel Vasco da Silva
Denise Maria Lessi Juvenal
Victor Emanuel de Andrade Lima
Carlos José Santos Brasil
Jasson Passos

CONTRABAIXO
Maria Helena Carvalho Salomão (spalla)
Gustavo Filippe de Souza
Augusto Rodrigues de Andrade
Márcio Fernandes
Jean Andrius Barone

FLAUTA
Julio Warken Zabaleta
Sebastião Interlandi Júnior

FLAUTA/PICOLO
Denusa Castellain (musicista convidada)
Lucas Guedes Oliveira (músico convidado)

OBOÉ
Paulo Barreto (principal)
Fernando Thá Filho
Marcelo Vilarta Campos

OBOÉ/CORNE INGLÊS
Marcos Vinícius Forato Vicenssutto

CLARINETE
Jairo Wilkens da Costa Sousa (Principal com Requinta)
Guilherme Macabelli
Marcelo Oliveira (Principal)

CLARINETE/CLARONE
Maurício Soares Carneiro

FAGOTE
Jamil Mamédio Bark (principal)
Alex Sanches da Silva
Evilnei Moura

FAGOTE/CONTRAFAGOTE
João Vitor da Silva Júnior

TROMPA
Edivaldo Chiquini (principal)
Fábio Jardim
Jonatas Rafael da Costa
André Vieira Rocha

TROMPETE
Marco César Xavier (principal)
André de Souza Pinto
Carlos Roberto Guimarães Domingues
Enrique Batista Félix Batista (músico convidado)

TROMBONE
Sílvio José Gontijo Spolaore (principal)
Wellington Carlos Santos Miranda

TROMBONE BAIXO
David de Souza dos Santos

TUBA
Levy Carvalho de Castro

TÍMPANO
Leonardo Gorosito

PERCUSSÃO
Márcio Szulak
Bruno Rogério de Oliveira
Aglaê Machado Frigeri (musicista convidada)
Camila Cristina Cardoso (musicista convidada)

HARPA
Hélio Leite

PIANO/CELESTA
Analaura de Souza Pinto

Centro Cultural Teatro Guaíra

STAFF

DEPARTAMENTO DE MÚSICA (ORQUESTRA SINFÔNICA DO PARANÁ) - Coordenação administrativa Shirley Conceição. **Produção** César Dias Palma, Angelita Faccioli, Juliana Carletto. **Arquivo** Ilson Carlos Pickler Junior, Crislaine Moreira (estagiária), Bruna Leucz (estagiária). **Inspetor** Diego Martins Avelleda. **Montagem** Ilson Jeiel Pereira Ataíde, João Santos, Carlos Gobbi. **Iluminação** Neury Rodrigues Gaio. **Auxiliares de orquestra** Afrânio da Costa Freire, Antônio Mariano Thomazini. **Pesquisa de texto** Diego Martins Avelleda. **DEPARTAMENTO DE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS - Coordenação-geral** Diego Bertazzo. **Produção** Daniel Militão. **Visita guiada** Gizele Ramos. **DEPARTAMENTO TÉCNICO DE ESPAÇOS CÊNICOS - Coordenação-geral** Douglas Rangel. **Assessoria** Anelize de Oliveira. **Auditório Bento Munhoz da Rocha Netto - Supervisor técnico** Ricardo Felipe dos Santos. **Iluminação** Jackson Zielinski de Oliveira, Marcos Antonio Rocha, Marcos Raimundo. **Contrarregra** Marcelo Esposito. **Camareira** Rozana dos Santos. **Cenotécnicos** Roberto Feres Filho, Rodrigo Otto, Everton Antonio dos Santos. **Sonoplasta** Daniel Merniski dos Santos. **Conferente** Joaquim Gonçalves dos Santos Neto. **Auditório Salvador de Ferrante - Supervisor técnico** Sergio Campos. **Iluminação** Vilmar Antonio Maciozeky, João Luiz Venâncio, Valdevino Guerreiro. **Cenotécnico** Diomar Camilo de Leris, Daniel Ribas. **Sonoplasta** Wanderley de Oliveira. **Auditório Glauco Flores de Sá Brito - Supervisor técnico** Roberto José Guiz. **Setor de costura, figurinos e guarda-roupas - Supervisão** Rose Mathias. **Assistente** Neusira Aparecida de Assumpção. **TEATRO ZÉ MARIA - O TEATRO DA CLASSE - Coordenador-geral** José Basso. **Iluminação e sonoplastia** Bruno das Almas Ferrari. **Indicadora** Zilda dos Reis. **Assistentes administrativos** Rene da Silva Quetes, Itamar Vendramel. **DEPARTAMENTO DE AUDITÓRIOS - Coordenação-geral** Clovis Klozovski. **Supervisão de auditórios** Acir Rodrigues. **Porteiro** Claudinei da Silva, Soly Rogério Chaves de Souza. **Recepcionistas** Elizabeth Bicalho, Denize Mary Ferreira, Miriam Festenberg Martins. **Ascensorista** Eliane Cherutti. **Assistente administrativo** Paulo Fernandes. **ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO - Jornalista** Luiz Gustavo Vilela. **Fotografia** Maringas Maciel. **DESIGN GRÁFICO - Responsável** José Vitor Cit. **Assessoria** Lucinete Vieira.

TEATRO GUAÍRA 138 ANOS